

Política no norte do Estado

João Gualberto Vasconcellos

A região norte do Espírito Santo teve um processo de ocupação tardia, em relação tanto à região sul como à região central. Até os



primeiros anos deste século, tanto as atividades econômicas, quanto a própria ocupação física, estavam em processo bastante incipiente. Como consequência natural deste atraso relativo, também em termos políticos só tardiamente o Norte do Estado gerou atores no plano estadual. Durante toda a fase colonial, imperial e durante o início da República, somente Vitória e o sul produziram estes atores.

O fato de Vitória ser a capital desde o século XVI lhe deu condições privilegiadas de participação na política, sede que sempre foi de todas as tramas em torno do poder. Cachoeiro

do Itapemirim, a partir da segunda metade do século passado, passou a ser um importante pólo econômico e de gerar grandes lideranças. Jerônimo Monteiro é o maior exemplo delas, não apenas por ter sido presidente do Estado entre 1908 e 1912, mas, sobretudo, por ter dominado a política no Espírito Santo durante décadas.

O Norte do Estado somente começou a contar politicamente a partir da década de 1920. Depois da chamada redemocratização, ocorrida a partir de 1945, da consequente criação das seções estaduais dos grandes partidos nacionais, tais como o PSD, o PTB e a UDN, é que esta região começou a produzir lideranças que chegaram ao cenário estadual. Carlos Lindenberg, no comando do PSD, criou profundas relações com as elites políticas locais da região, tais como Raul Giubert, e contou com boa parte delas no leque de alianças que garantiu sua longa vida política e sua incontestável liderança, ajudando a criar um estilo político na região.

O Norte passou por profundas modificações em sua estrutura econômica e social a partir dos anos 1970. Em sua região litorânea, foram implantadas grandes unidades produtivas, tais como a Aracruz Celulose, a Petrobrás em São Mateus e a Bahiasul, que, mesmo sendo localizada no Estado da Bahia, tem importantes reflexos na região do extremo norte do Espírito Santo. As cidades que sediaram os novos empreendimentos, e aquelas que estão mais próximas deles, sofreram importantes modificações em suas bases sociais. Nelas, passaram a residir setores de classe média, técnicos e funcionários especializados, que não são clientes tradicionais da política que se praticava até então. Estes novos setores sociais passaram a organizar-se, como era de se esperar. Partidos políticos mais ligados às suas demandas e expectativas surgiram, outras organizações de articulação de demandas coletivas também floresceram, tendo como exemplos inúmeros sindicatos.

Entretanto, mesmo que as

organizações políticas tenham se modernizado na região, elas ainda não chegaram à primeira cena. Por que isto vem acontecendo? Uma resposta que pode ser articulada é a de que as forças políticas tradicionais associaram-se ao grande capital agora instalado, conseguindo uma sobrevida importante. Ou seja, a instalação de novas unidades produtivas modernas, não proporcionou uma renovação, do ponto-de-vista do capital, no norte, na medida em que este capital cooptou a política tradicional. Ao invés da renovação, esta associação permitiu uma sobrevida das forças tradicionais. Quanto às novas forças sociais surgidas, creio faltarlhes sobretudo uma política mais ousada de alianças, capaz de tirar-lhes de um isolamento perigoso em cidades menores. Veremos o que acontecerá nas próximas eleições, para termos uma tendência do futuro político desta região.

João Gualberto Vasconcellos é professor da Ufes e consultor no Centro de Estudos de Questões do Desenvolvimento